



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**RAQUEL SUZANA ALBUQUERQUE DO AMARAL**

**LITERATURA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: LUGARES SOCIAIS E A EDUCAÇÃO  
FEMININA NA OBRA “SENHORA”, DE JOSÉ DE ALENCAR**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2017**

**RAQUEL SUZANA ALBUQUERQUE DO AMARAL**

**LITERATURA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: LUGARES SOCIAIS E A EDUCAÇÃO FEMININA NA OBRA “SENHORA”, DE JOSÉ DE ALENCAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.  
Área de concentração: Literatura

Orientadora: Prof. Me. Senyra Martins Cavalcanti

**CAMPINA GRANDE - PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A485I Amaral, Raquel Suzana Albuquerque do.  
Literatura e história da educação: lugares sociais e a educação feminina na obra Senhora, de José de Alencar [manuscrito] : / Raquel Suzana Albuquerque do Amaral. - 2017. 29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Senyra Martins Cavalcanti, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Lugares sociais. 2. Educação feminina. 3. Análise literária. 4. História da educação.

21. ed. CDD 801

RAQUEL SUZANA ALBUQUERQUE DO AMARAL

LITERATURA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: LUGARES SOCIAIS E A  
EDUCAÇÃO FEMININA NA OBRA SENHORA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada ao Departamento de  
Educação, da Universidade Estadual  
da Paraíba- UEPB, como parte  
integrante dos requisitos para a  
obtenção do título de licenciatura em  
Pedagogia.

Área de concentração: História da  
Educação

Aprovada em: 11/12/17.

BANCA EXAMINADORA

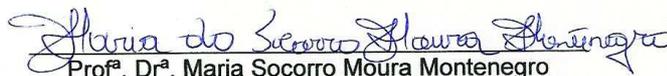


Prof<sup>ª</sup>. Me. Senyra Martins Cavalcanti  
(Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristiane Maria Nepomuceno  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Socorro Moura Montenegro

**“O gênero é um novo tema, um novo domínio de pesquisas históricas, mas ele não tem a força de análise suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas históricos existentes”.**

**Joan Scott**

Aos meus pais, pelo apoio, o grande companheirismo e paciência.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus, por tudo o que tem feito por mim, e por ter sido o meu ouvinte nos momentos de desespero que só pela força dele conseguia me confortar. Pelas pessoas maravilhosas que colocou no meu caminho ao longo da minha vida, me sinto uma pessoa muito abençoada.

Aos meus pais, Clara e Amaral por toda atenção, companheirismo e apoio que sempre dedicaram a mim em todos os momentos, sem exceções. Foram inúmeras as vezes que precisei e pude contar com o apoio deles, o que para mim é o maior apoio do mundo, vocês são a minha rocha e a minha luz.

Á incrível professora e orientadora Senyra Martins Cavalcanti pela dedicação e empenho sempre comigo, para mim foi uma grande honra ter feito o curso de extensão de cinema, onde a conheci, e como minha professora na cadeira de Introdução aos Estudos Culturais em Educação, no qual pude por meio desse conhecer um pouco mais da vida dessa incrível mulher, e tive a felicidade de tê-la como minha orientadora.

Recebi muito apoio dos meus amigos e amigas nesse momento especial da minha graduação. Especialmente a minha amiga, que foi minha companheira de trabalho e é como uma irmã para mim, Emanuela Dangêla que mesmo longe, morando em São Paulo sempre se prontificou a me ajudar, sem pestanejar. Muitas vezes até de madrugada eu procurava pela ajuda dela e ela sempre ali dizendo que me ajudaria com o maior prazer, torcendo pelo meu sucesso. Obrigada Manu por tudo

Ao meu amigo e irmão de longas datas, Breno de Farias. Um dos presentes que Deus me deu, sem a amizade e o apoio dele acredito que não seria a pessoa que sou hoje. Me deu suporte em momentos difíceis da minha vida, onde só contava a ele. E se fez presente durante toda a minha graduação de Pedagogia. Breno, mesmo de longe, lá em Brasília ele é o meu anjo e uma das pessoas que mais amo na vida.

A Antônio Carlos Neto, o meu Neto, meu amigo e irmão que fui presentada com essa amizade linda e sincera. Pessoa que faz um diferencial na minha vida desde o momento que nos encontramos pela primeira vez. Foram inúmeras brigas que tivemos mas sempre fazíamos as pazes de imediato por que a amizade e o amor sempre estavam acima de tudo.

A minha tia Izabel Maria de Albuquerque, que é uma grande companheira, confidente e pessoa que sei que posso contar. Mesmo morando em Portugal, quando vem ao Brasil a nossa cumplicidade fica mais do que evidente que a distância não é nada comparada aos laços que nos unem.

A Silvana Oliveira, minha amiga de anos, parceirona, companheira, aquele tipo de amiga que sabe o que eu estou sentindo até sem precisar falar, me entende pelo olhar e me conhece melhor até do que muita gente da minha família. Obrigada por todos esses anos.

A minha amigona de anos, Débora Bezerra, companheira de curso por outra universidade mas grande incentivadora não só da minha vida pessoal como também da profissional, que sempre me ajudou muito e me estendeu a mão todas as vezes que precisei dela.

A minha amiga de trabalho e da vida, Ivina Késsia, que sempre me ajudou, me escutou e me aconselhou nesses dois anos de amizade. Essa pessoa doce e querida merece tudo de bom que a vida possa dar a ela.

Ao meu namorado Júlio Rafael pela paciência, carinho e cuidados sempre demonstrados a minha pessoa, sempre disposto a me escutar e me ajudar da forma como pode, o seu carinho e companheirismo sempre fizeram um diferencial pra mim.

Aos meus queridos, Risolene Tavares, José Veranildo, Deise Lorena, Rickison Cristiano, Mayara Kamila, Michelle Melo, Elayne, Aline e as minhas amigas do curso. Obrigada por tudo. E aos meus demais familiares gratidão.

E a todos os professores do Curso de Pedagogia diurno que contribuíram de alguma forma para eu chegar onde cheguei.

## RESUMO

O fim do período imperial no Rio de Janeiro foi marcado por mudanças sociais, culturais e políticas que fortalecem o poder da burguesia ao mesmo tempo em que oportunizou o empoderamento feminino da mulher. A partir da personagem Aurélia, na obra “Senhora”, de Jose de Alencar, analisamos os lugares sociais da mulher, as dissimetrias de gênero, os padrões culturais sobre casamento, sexualidade e educação feminina nos anos 1870 do século XIX. Para analisarmos a obra, buscamos a seguinte fundamentação teórica: história e literatura, em Pesavento (2006); as mulheres como objeto da história, em Soihet (2011); gênero e história das mulheres, em Scott (2011); a representação literária do gênero, resistência e os múltiplos lugares do feminismo, em Osana (2004); mulher e família burguesa, em D’Incão (2015); gênero, em Bassenezi (2009); gênero e ensino, em Gandelman (2009) e as mulheres, o poder, a história, em Perrot (1988). Os resultados da pesquisa nos mostram que as transformações no trabalho com a consolidação do capitalismo e na política pela ascensão da burguesia, oportunizaram o surgimento de nova mentalidade burguesa reorganizadora das vivências familiares, educacionais e domésticas e também do tempo das atividades femininas.

**Palavras-chave:** Lugares sociais. Educação feminina. Análise literária. História da Educação.

## ABSTRACT

The end of the imperial period in Rio de Janeiro is especially marked by the construction of bourgeois society and the emergence of the novel. In this context, social, cultural and political changes are relevant to the strengthening of the bourgeoisie and the emergence of the novel, especially those that focus on women's education and marriage based on financial interests. The objective of our work is to analyze the social places of women in female education in the nineteenth century within the historical context of the work "Lady", by Jose de Alencar. Through the character Aurelia, "Lady" focuses on education and marriage in the year 1875, but also allows to know the gender relations inequalities, cultural patterns on marriage, sexuality and female education. To analyze the work, we seek theoretical foundation in: women as object of history, in Soihet (2011); the literary representation of gender, resistance and the multiple places of feminism, in Osana (2004); history and literature, in Pesavento (2006); woman and bourgeois family in D'Incão (2015); gender and history of women, in Scott (2011); genre, in Bassenezi (2009); gender and teaching, in Gandelman (2009) and women, power, history, in Perrot (1988). The results of the research show that the transformations in the work with the consolidation of capitalism and politics by the rise of the bourgeoisie allowed the emergence of a new bourgeois mentality reorganizing the family, educational and domestic experiences and also the time of women's activities.

**Keywords:** Women's education. Literary analysis. José de Alencar. Romance

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICO E CULTURAL NO SÉCULO XIX..</b> <b>.....</b>	<b>12</b>
<b>3. ANÁLISE LITERÁRIA DO ROMANCE “SENHORA” .....</b>	<b>15</b>
<b>4. A HISTÓRIA DAS MULHERES NO SÉCULO XIX .....</b>	<b>19</b>
<b>5. GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO .....</b>	<b>233</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A história nos mostra que, no século XIX, as mulheres enfrentaram dificuldades para ter liberdade no seu modo de viver e em suas escolhas profissionais. Segundo D’Incao (2015), a vida burguesa reorganiza as vivências domésticas a partir do século XIX. Um ambiente familiar com lar aconchegante, filhos educados e a esposa dedicada ao marido e sua companheira na vida social são considerados um verdadeiro “tesouro” no período. O casamento entre famílias era visualizado como um degrau na ascensão social, sobre o qual as mulheres casadas ganhavam uma nova função que era contribuir para o processo familiar social nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana como esposas modelos e excelentes mães.

No século XIX, o romance é construído principalmente pelas mudanças históricas e sociais da época. A percepção que José de Alencar transparece no decorrer do romance “Senhora” é a de que o casamento é representado através de forma “racional” onde os pais visavam uma estabilidade financeira para as filhas (quando as mesmas eram pobres) e os homens escolhiam suas esposas de acordo com o melhor dote. Logo as mulheres das classes superiores tinham que entender cedo que a única porta aberta para uma vida que fosse, ao mesmo tempo, fácil e respeitável era a do casamento. A mulher dependia de sua boa aparência, dentro do gosto masculino da época, pois permanecer solteira era considerado uma “desgraça” e aos trinta anos uma mulher que não fosse casada era denominada de “velha solteirona”. É o que verificamos com o personagem Fernando Seixas, quando este aceita a proposta de casamento feita pelo senhor Lemos, tutor da órfã Aurélia Camargo, que veio a tornar sua esposa posteriormente.

O objetivo desse estudo é analisar os lugares sociais e a educação das mulheres na segunda metade do século XIX no Brasil a partir da obra “Senhora”, de José de Alencar. É necessário atentar para o fato de que a personagem principal da trama, Aurélia Camargo, uma mulher jovem órfã, que após perder o irmão, e os dois pais recebe uma grande herança de seu avô paterno, a qual muda por completo a sua vida, transformando-a de moça muito pobre a uma influente mulher da sociedade carioca.

Através desse estudo, refleti sobre os lugares sociais da mulher e a educação feminina no século XIX que, entre outras coisas trata das condições subalternas das mulheres, problematizando o porque da naturalização de controle sobre os nossos corpos e decisões culturais, na qual a sociedade impõem padrões estabelecidos sobre gênero, raça e estética, com regras que não empoderam a mulher frente ao homem.

A qualidade dos sentimentos passou por uma transformação, segundo D’Incao, (2015) durante o século XIX ocorreu uma mudança na sensibilidade em relação ao que se denominava ora de amor, ora de sexualidade. Segundo a autora (2015), ocorreu um afastamento dos corpos que passaram a ser medidos por um conjunto de regras prescritas pelo amor romântico. Esse processo ocorreu simultaneamente nas transformações pelas quais o Rio de Janeiro passou ao longo do processo de modernização na segunda metade do século XIX. O cuidado com o marido e os filhos redefiniu o papel feminino neste período.

A educação feminina era voltada aos aspectos domésticos. As mulheres não tinham direito de manifestação política, enquanto que os homens proletários, depois de 1848, retomam por conta própria a postura excludente burguesa contra a capacidade política das mulheres. De acordo com Perrot (1988), essa exclusão das mulheres pouco condiz com a declaração dos direitos do homem, que proclama a igualdade entre todos os indivíduos. Mas, as mulheres não seriam indivíduos? Por esse motivo é tão importante argumentar sobre as diferenças dos sexos, dos gêneros, mesmo na contemporaneidade.

A história das mulheres surgiu como um campo definível principalmente nas últimas décadas. Apesar das enormes diferenças nos recursos disponíveis com o ingresso nas universidades, a pesquisa com a história das mulheres tem divulgado artigos e livros. A partir de uma autoidentificação dos historiadores e que hoje se pode encontrar em conferências nacionais e internacionais pesquisas sobre a história das mulheres. O que é um fenômeno, pois nós ganhamos voz, resultado das lutas das mulheres em seu próprio movimento (SCOTT, 2011).

A obra “Senhora” é dividida em quatro partes, sendo elas o preço do casamento que é onde Aurélia constitui uma determinada quantia ao Senhor Lemos com o objetivo de tornar Fernando Seixas seu marido, desfazendo sua então proposta de casamento com Aurélia. Na segunda parte, a quitação, conta de forma detalhada a história de amor entre os pais da personagem, Dona Emília e Pedro Camargo (que era filho bastardo de um rico fazendeiro que se casou com Emília sem o seu consentimento e escondido). A terceira parte é a posse que mostra a rotina de casados de Aurélia e Fernando, que vivem um casamento de aparência diante a sociedade carioca. Na quarta e última parte, o resgate que tem o desfecho final da trama literária.

O interesse pela pesquisa teve início a partir de um trabalho apresentado em seminário sobre o início do movimento feminista e as relações de gênero, intitulado “Gênero e Feminismo”. O referido seminário analisava a partir de lutas femininas na década de 40 por direitos, a revolução francesa (que tinha como lema: “Igualdade, liberdade e fraternidade”), o direito ao trabalho fora de casa, a política, a busca da conquista da igualdade entre homens e mulheres.

Animada com as discussões em sala de aula, as leituras dos textos teóricos, os vídeos assistidos, me estimei a estudar mais sobre o assunto. Esse aprofundamento implicava em conhecer melhor a representatividade das mulheres no século XIX. Para tanto, escolhi concretizar esse objetivo através da leitura do romance “Senhora”, de José de Alencar, o qual retrata a educação das mulheres no final do Brasil Imperial na corte, mais precisamente no ano de 1875. Neste período, a educação doméstica da mulher, o conceito de amor e sexualidade, as lutas igualitárias são apresentadas através de uma personagem forte, sedutora e com pensamentos a frente de seu tempo, Aurora. Aurora é uma personagem pobre que se torna rica e passa a conviver em meio a sociedade carioca burguesa do século XIX.

No decorrer desse artigo, organizamos da seguinte forma a nossa discussão. No item 1, apresentaremos o contexto mais amplo da obra, para discutiremos o casamento a partir de uma obra literária dentro do contexto do século XIX, mais destacadamente abordando os casamentos na sociedade burguesa através da leitura do livro “Senhora” de José de Alencar (1987). Em seguida, comentaremos os lugares sociais das mulheres, para depois expor nosso referencial teórico, e, por fim, a contribuição política e pedagógica da literatura. As considerações finais e as referências utilizadas são apontadas no final do trabalho.

## **2 CONTEXTO SÓCIO-POLÍTICO-ECONÔMICO E CULTURAL NO SÉCULO XIX**

O romance “Senhora” retrata com o contexto político, econômico e social interferem diretamente nas ações da personagem principal da principal da obra literária. Conhecido pelo seu senso crítico, o escritor e político brasileiro José de Alencar retrata em sua obra “Senhora” o contexto social e cultural da alta classe carioca em meados do século XIX. Époça esta, marcada por uma sociedade recatada, cautelosa e de alianças fortes em seus costumes, especialmente no que diz respeito ao casamento e o papel da mulher diante do marido. Nesse contexto, a esposa deveria ter como premissa, ser submissa, fiel ao lar e recatada. Porém, a obra mostra uma outra faceta da história, a representação da mulher transgressora, a rebelde, que se mostra com voz ativa.

José de Alencar no livro estudado por nós, descreve a família burguesa do século XIX como tradicional, o pai e marido era o mestre do lar, a mãe e esposa, uma figura doce, calma e dedicada as obrigações domésticas. Mas, logo percebe-se que a personagem principal Aurélia não residia em um lar comum, já que a mãe da mesma vivia um casamento “às escuras”, em união não era abençoada pelo pai do então marido, o Pedro Camargo. Emilia Camargo era uma

mulher pobre costureira, humilde que tentava ser forte para sustentar seus então dois filhos, Aurélia Camargo e Emílio Camargo.

O romance citado acima é uma obra moderna que tem como cenário a cidade do Rio de Janeiro, o autor retrata através da voz da personagem Aurélia uma crítica de valores a corte daquela época, especialmente no que se refere ao papel da mulher enquanto esposa que na época era entendida como total submissa as vontades do marido. Uma vez que Aurélia ignorava as regras de etiqueta nas quais as moças viviam casamentos de aparências, muitas vezes obrigadas pelas famílias.

Com a consolidação do capitalismo periférico, com novas alternativas de vida social proporcionadas pela ascensão da burguesia, as chamadas pessoas da corte, novas relações não só visando o casamento como uma união social, mas também ressaltando o amor se apresentam. A personagem Aurélia era tida como uma moça simples, que vivia numa casa com uma mãe muito doente, e que recebe do seu avô paterno uma grande herança. Dessa forma, passa a viver em salões da corte carioca, “salta para a fama” e um número considerável de pretendentes surgem em decorrência disso. Cada um disputava sua mão com ambição apenas no dote que a acompanhava.

No século XIX, a sociedade era tida como patriarcal, a mulher era uma figura reprodutora, o homem era detentor do poder. *Senhora* põe em evidência aspectos sociais da burguesia durante os anos da decadência da monarquia brasileira, a personagem zombava dos ditos da sociedade. Com isso, entende-se, que a sociedade é resultado de práticas socialmente construídas entre os sexos, ou seja, desde o nascimento o ser humano reproduz o que as organizações sexuais demarca. Em palavras simples esses aspectos são responsáveis pela manutenção, no decorrer da vida, de definições ideológicas sobre o que é “ser mulher” e “ser homem” na sociedade patriarcal. (FREIRE & BRANDÃO, 2014). Desse modo, se reproduzem relações desiguais entre os indivíduos através das relações de corpos, o masculino e o feminino. A sociedade de forma cultural vai definindo o posicionamento, e os costumes que cada qual deve exercer através do poder dado ao gênero.

Na esfera das necessidades da vida, o chefe de família (homem) detinha poderes incontestáveis, subordinando a ele, as mulheres, escravos e crianças, pessoas responsáveis por garantir e satisfazer suas necessidades, já que era a figura masculina o dono do lar, o senhor da casa, o que vemos claramente a construção dos papéis sociais a diferenciação do gênero. (FREIRE & BRANDÃO, 2014). O homem era o rei absoluto dono do lar, ele tinha o poder sobre a mulher, onde não podia tomar decisões que não fossem baseadas nas vontades do marido, era um ser humano reprimido e oprimido. Fica claro, a construção de mundo como dois polos, que

se opõem. Em uma relação de marcada pela superioridade de um e subordinação do outro, vai muito além da percepção comportamental, onde o masculino e o feminino são expressos como diferentes numa vertente religiosa, educativa, científica e política. Vemos com o decorrer da leitura sobre o tema da educação da mulher durante o século XIX que o único emprego que era permitido as mesmas era o de professora, governanta ou enfermeira, atividades consideradas “maternais” onde não podiam andar sozinha, sem uma companhia ao seu lado, de preferência masculina, seu pai ou o seu irmão.

O Brasil do século XIX presenciou a ascensão de um gênero literário que caiu no gosto da aristocracia: o romance. De acordo com Drummond (2014, p. 1):

Em *Senhora*, observamos um retrato dos costumes aristocrático-burgueses no Brasil durante a segunda metade do século XIX, tais como os grandes bailes da Corte, o jogo de alianças matrimoniais entre as famílias burguesas, a moral professada pela sociedade da época, além da própria distribuição das funções femininas e masculinas na trama.

A narrativa do livro em si, é uma crítica a corte carioca, a sociedade machista e ao papel da mulher exercido e imposto naquela época. A mulher trabalhadora, era considerada como um “problema” já que as mulheres não poderiam gerar valor econômico significativo, o que era papel e dever do homem, esse processo era dado á figura masculina como o criador de valor da família, sendo assim á toda uma desconstrução em cima da personagem principal, Aurélia Camargo, ela é o oposto da mulher burguesa, é dona do seu próprio dinheiro, é desobediente, irônica e rebelde. É a representação da mulher transgressora dos padrões sociais. Segundo Jose de Alencar (2008, p. 15):

A ferocidade da mulher magoada, sanha de leoa ferida, nunca teve para experimenta-la, nem mesmo na exímia cantora, uma voz mais bramida, um gesto mais sublime. As notas que destacavam-se dos lábios de Aurélia, possantes de vigor e harmonia, deixavam após si um frêmito, que lembrava o silvo da serpente.

Uma vez que Aurélia escarnecia de regras de etiquetas nas quais as pessoas pretendiam esconder seu verdadeiro caráter em detrimento de uma vida de aparências, José de Alencar se utiliza da voz da personagem para contestar o comportamento de seu tempo. Aurélia era uma moça simples, pobre e órfã que de repente ganha uma herança milionária e sobe de vida conquistando assim uma boa posição social, e dessa forma atraindo diversos homens com interesse em sua beleza e o dote que ela possuía. Porém, desacreditava do casamento, e isso fica claro quando ela diz para o seu marido Seixas: “Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o”

(ALENCAR, 1997, p. 75). A desilusão amorosa que ela sofre com Seixas é tão impactante em sua vida, que ela busca a sede de vingança, ela mulher poderosa que possui bens e dinheiro e ele um homem comprado que aceita se casar por dinheiro. A história sofre uma reviravolta, pois a moça pobre abandonada pelo então noivo Seu Fernando Seixas, recebe uma herança que veio em uma boa hora, herança essa que faz Aurélia mudar sua personalidade, de moça meiga e bobinha para uma mulher, com apenas seus 18 anos, órfã sem os pais, porém muito rica devido a uma herança o que a faz comprar com seu dinheiro aquilo que ela mais queria, que é por ventura o seu ex noivo, que até então passando necessidades financeiras aceita o casamento, e ela o faz se tornar seu marido, vivendo uma relação de aparência perante a corte carioca do Rio de Janeiro.

### **3 UMA ANÁLISE LITERÁRIA DO ROMANCE “SENHORA”**

O romance “Senhora”, de José de Alencar (1875), é um livro literário, no qual descreve sociedade carioca durante a segunda metade do século XIX, em que as pessoas em sua maioria, viviam de aparências e tinham laços por questões ambiciosas. Os casamentos visavam lucros, e em prática eram denominados de alianças financeiras. A obra, pode ser considerada um romance, porém dentro do contexto do realismo e o naturalismo, visando através do papel dos personagens principais “Aurélia e Fernando”, desconstruir a figura do casamento baseado no amor, mas por interesse. Ainda mais, o autor deixa claro a presença do determinismo, por meio da observação rigorosa do mundo no qual os personagens estão inseridos.

Na obra “Senhora” são descritos quatro casamentos, onde cada um pertence a uma classe social determinada, alguns fazem uso da simbologia do amor e outros revelam interesses diversos. As uniões relatadas entre os casais acontecem respectivamente entre Dona Emília e o Pedro, Aurélia e Fernando, Nicota e Afonso, Adelaide Amaral e Torquato Ribeiro. Cada matrimônio é representado por uma categoria distinta: o primeiro matrimônio revela uma união de amor, porém que foi interrompida pelo pai do personagem Pedro, no qual, não aceitava a união do filho com a personagem Emília, que se tratava de uma mulher de classe inferior a de Pedro era herdeiro de grandes posses paterna. O segundo casamento descrito no romance, representa a figuração de um enlace por interesse de ambas as partes. O interesse de Aurélia com sede de vingança de um passado romântico e cheio de sonhos destruído pelo marido, e Fernando o interesse financeiro. O terceiro se dá por um conúbio baseado no amor e no comprometimento de ambas as partes, tendo como desejo, uma relação vindoura. Por fim, o quarto casamento também é baseado no amor, porém só foi possível acontecer com a ajuda financeira da personagem principal Aurélia.

Nesse contexto, o casamento entre as famílias ricas; as burguesas, nada mais era do que uma ascensão social; uma relação de alianças que visava status dentro da sociedade, a famosa corte do século XIX. As mulheres quando casadas ocupavam o papel de donas do lar, contribuíam para o projeto familiar sendo submissas aos maridos, cuidavam dos filhos e da casa, eram oprimidas.

Partindo do casamento, Andrade (2013, p. 85) afirma que:

Após 1850, o modelo idealista do amor romântico desagrega-se. O semântico do sentimento compõe-se ainda dos mesmos elementos, mas já começando a se desintegrar. A ironia flaubertiana atesta o fim das crenças angélicas no amor, a perda de fé nos emblemas românticos, paralela à sua difusão e à sua tendência a tornar-se um objeto de consumo.

Sendo assim, o naturalismo ganhou forças nos romances da época do século XIX trazendo uma reflexão crítica e realista acerca de representações sociais o que no romance “senhora” também traz uma reflexão acerca do que era a representação da mulher e do casamento, a figura feminina simbolizada no papel de dona de casa e esposa companheira do marido e figura sexual oprimida. Ainda nas palavras de Andrade (2013, p. 67):

O interior da casa burguesa era recheado de um acúmulo exagerado de objetos (almofadas, cortinas, tecidos, papéis de parede, borlas, sempre muito elaborados, com molduras douradas, entalhadas ou recobertas de veludo, objetos torneados, enfeites em profusão). Tudo enfim que indicasse riqueza e status, solidez.

O tabu partia do pressuposto de que tudo deveria estar de maneira impecável e bonita. Era o papel da mulher enquanto dona de casa e esposa companheira era resumido em cuidar do lar e zelar pela figuração impecável da sua casa. A mulher era o “objeto” principal do matrimônio, pois todos os afazeres domésticos e sociais eram a elas atribuídos. Os homens e/ou maridos tinham consciências de que elas eram tidas como fundamentais na viabilização do contexto do casamento.

Segundo Del Priore (2001, p. 299):

O papel das mulheres dentro do seio familiar era o de uma educadora, mãe dedicada e atenciosa. Não obstante, ela também assumia uma importante função para o bom desempenho da família, uma vez que os homens eram dependentes da imagem que suas esposas pudessem traduzir para o restante das pessoas.

Os maridos moldavam suas mulheres de maneira que alguns casamentos eram apenas baseados em interesses. Alencar (1875) mostra em seu romance que, era costume entre a elite uma prática de casamentos sistemático. Por ser um romance realista, isso é demonstrado

claramente pelas características da família nuclear, dos modelos de casamentos burgueses. Os personagens principais Fernando e Aurélia vivem uma vida conjugal dentro da figuração da casa, do ambiente de lar dos dois, mas para a alta sociedade carioca eles procuravam demonstrar felicidade, alegria e bem estar matrimonial. Em suma, o amor em “Senhora” possui conotações românticas, mas não é interpretado como uma ilusão de mocinha, haja visto que a personagem principal Aurélia Camargo é uma mulher forte e amargurada vendo no âmbito de seu papel irônico na obra. Porém ainda há nela a irreverência incondicional e a crueza de um romance plenamente realista. A abordagem crítica repleta de um sarcasmo refinado e uma personalidade forte através dos costumes e convenções de setores da sociedade, dos valores mesquinhos e da arrogância. Os jogos de interesse de ambas as partes são explícitos, sobretudo quando o assunto é casamento como uma fonte de ascensão social ou implicando outros “dotes” materiais com a expansão de relações sociais.

Falando sobre a corte carioca do século XIX podemos dizer que dos romances urbanos de José de Alencar “Senhora” foi um dos que mais expressou a sociedade da corte do Brasil. O livro é constituído por personagens fortes, de histórias marcantes e em especial uma personagem feminina que acabou por se destacar mais do que os homens membros da sociedade pela sua personalidade única e o enredo do romance muito particular. Aurélia mesmo sendo introduzida na sociedade fluminense após um grande dote herdado pelo avô paterno, pai do seu falecido pai Pedro Camargo, debocha da sociedade e mais ainda dos conceitos que eram ditados em relação ao feminino. José de Alencar torna-se crítico no que se refere especificamente à distribuição dos papéis femininos e masculinos, no intuito de compreender o processo histórico da construção das questões de gênero no Brasil através da literatura nacional.

Tomando a fala da personagem Aurélia, segundo José de Alencar (2008, p. 85):

Tenho grandes lições do mundo: a da miséria e a da opulência. Conheci outrora o dinheiro como um tirano; hoje o conheço como um cativo submisso. Por conseguinte devo ser mais velha do que o senhor que nunca foi nem tão pobre, como eu fui, nem tão rico, como sou.

O contexto desta conversa ocorre durante um diálogo entre Aurélia e o senhor Lemos, seu tutor, no qual expressa a sua lição de mundo, da miséria a riqueza. Onde fica claro o quanto mesmo nova a personagem apresenta uma visão de mundo. Aurélia foi uma mulher que nasceu no século XIX de uma família pobre, onde sua mãe conheceu um homem rico, cujo qual se aproximaram, apaixonaram-se, casaram no sigilo e tiveram dois filhos. Dona Emília mantinha um casamento em segredo, onde viviam em situação de pobreza, porém quando o avô de Aurélia vem a falecer ele deixa para ela toda sua herança, o que a torna rica e ela pula da miséria para a

opulência, como a mesma cita na frase acima, parafraseando a fala de Aurélia ela conheceu o dinheiro como um tirano e depois como uma forma de tornar as pessoas de seu interesse submissa á mesma.

Fica claro o quanto Aurélia era disputada na atmosfera masculina quando José de Alencar cita: Assaltada por uma turba de pretendentes que a disputavam como prêmio da vitória, Aurélia, com sagacidade admirável em sua idade, avaliou da situação difícil em que se achava e dos perigos que a ameaçavam (ALENCAR, 2008). Os homens na corte viam Aurélia como um troféu e almejavam um casamento com ela haja vista que o dote era considerável muito alto, e no século XIX a dote partia da figura masculina ligado a noiva, o pai. No caso como Aurélia era órfã, viria da herança deixada pelo seu avô. O que a tornou a nova milionária do Rio de Janeiro, a moça mais desejada e requisitada da corte carioca, a que tinha os homens aos seus pés.

O papel da mulher imposto pela sociedade, nada mais era do que ser uma esposa educada, que assumia as responsabilidades de educar os filhos, guardar seu lar e ter comportamentos “adequados” perante a sociedade. A expressão da identidade feminina no romance de José de Alencar não é somente atingido pela visão do que seria certo e errado perante a corte, mas é estabelecido também por uma visão irônica na qual o autor critica o lugar secundário da mulher na sociedade, o escritor subestima o poder do feminino através dos pensamentos a frente de seu tempo pela personagem principal Aurélia, com uma linguagem que expressava uma personalidade forte e irônica da mesma. “Senhora” revela pontos conflitantes da mulher na sociedade, causando uma reflexão de modo que provoque uma luta nas mulheres para obtenção da sua própria identidade.

O homem era dito como o ser bem sucedido em todos os aspectos: “ o homem tem sua vida real e substancial no Estado, na ciência ou em qualquer outra atividade do mesmo tipo. Digamos de modo geral, no combate ou no trabalho que o opõem no mundo exterior e a si mesmo. A mulher pelo contrário, é feita para a piedade e o interior” (PERROT, 2015, p. 179) as mulheres tinham como esfera a família, a casa, núcleos de esferas privadas para elas, elas podiam dominar suas casas, mas nunca um Estado por exemplo. Ainda tomando a fala de Perrot (2015), o século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tinha sua função, seus próprios papéis, suas tarefas, seus espaços. Ao homem era o “trabalho pesado” fora de casa, a madeira e os metais, a mulher o trabalho em casa, a família e os tecidos. Segundo Chaumette (1912), a mulher é a divindade do santuário doméstico. As mulheres que pertenciam a burguesia, já tinham mais acesso a educação, mesmo de maneira mais precária, os livros reforçavam a ideia da mulher como propriedade do pai, enquanto solteiras, e do marido, enquanto casadas. Porém, a mulher até então era excluída das necessidades educativas.

Sabemos que durante o século XIX a educação formal para as mulheres não era valorizada, a ideologia que predominava era de instrução apenas para que se cumprissem os papéis que a elas eram ditos. As mulheres tinham que ser educadas, afetivas e amorosas, tudo isso eram contextos determinados pela sociedade. No século XIX, a vida urbana praticamente não existia, pois o Brasil era um enorme país rural. Segundo D'incao (2015), a chamada família patriarcal brasileira, comandada pelo pai detentor de enorme poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, habitava a casa grande e dominava a senzala. O pai, o chefe de família diante da sociedade era o mentor de tudo, no tempo da escravidão eles tinham total poder sobre a casa e dominava a senzala. A Cidade do Rio de Janeiro era habitada por uma população homogênea, pessoas muito ricas e pessoas pobres. Até o início do século XIX, não havia no Brasil leis públicas que regulamentassem a limpeza e o uso da cidade. Era uma cidade ainda bastante baseada na escravidão e na exploração agrária. Somente no final do século XIX, e começo do século XX, podemos presenciar a modernização da Cidade do Rio de Janeiro, com a república e a ideia de ser uma civilização baseada na cultura europeia.

A educação formal para as mulheres não era valorizada no século XIX, pois a ideologia dominante lhes outorgava instruções apenas para que cumprissem os papéis femininos tradicionais. Insatisfeita, algumas mulheres empenharam-se na difícil luta pela ampliação da educação feminina e o preparo profissional das mulheres (PINSKY, 2009). Partindo do pressuposto de que as mulheres não tinham direito a exercer um papel fora de casa, José de Alencar em sua obra retrata como eram as mulheres das classes médias e alta, o quanto a diferenciação do sexo era forte naquela época, o quanto as mulheres sofriam por não passarem por diversos obstáculos, pois enfrentavam relações de dominação/subordinação por parte da família e também das instituições religiosas o que gerava uma desigualdade nos espaços sociais e de acesso a conhecimentos.

A personagem feminina principal, Aurora Camargo, é a protagonista que desafia os estereótipos de que as mulheres no período deveriam aceitar a condição de ser manipulada, assumindo assim o papel de dona de casa, vivenciando apenas a vida de casada no âmbito doméstico, é uma jovem de classe média alta que possui uma certa educação formal e faz jus a personagens contemporâneas representadas na dramaturgia brasileira.

## 4 A HISTÓRIA DAS MULHERES NO SÉCULO XIX

Diante do homem o que era a mulher se não o objeto dito como o sexo frágil, a figura materna, dona do lar, esposa obediente, reflexo do que uma sociedade machista e conservadora impôs onde não aceitavam uma conquista qualquer que fosse acima do homem. Ainda que bastante escasso, alguns historiadores contribuíram socialmente para os estudos das mulheres, em um século onde não se tinha espaço para isso (séc. XIX), pluralizaram objetos da investigação as mulheres como sujeito da história.

A entrada dos grupos de estudos denominados de movimentos feministas, que foram criando força visando a atuação das mulheres no âmbito público, tomando o lugar de papéis masculinos, usurpando cargos dos homens, tornando a sociedade mais feminina e menos machista.

Soihet (2011, p. 264) afirma que:

A onda do movimento feminista, ocorrida a partir dos anos de 1960, contribuiu, ainda mais, para o surgimento da história das mulheres. Nos Estados Unidos, onde se desencadeou o referido movimento, bem como em outras partes do mundo nas quais este se representou, as reivindicações das mulheres provocaram uma forte demanda de informações pelos estudantes, sobre as questões que estavam sendo discutidas.

Foram através desses movimentos, desses grupos de estudos que começou a se expandir o que antes era limitado na história. Percebeu-se que a figura feminina que antes era tida como frágil e através das pesquisas dos filósofos, as mulheres eram biologicamente femininas mas que na inversão de papéis como os homens, a sua essência não era alterada. Ou seja, tinham perfeitas condições de assumir responsabilidades, e cargos trabalhistas que os homens assumiam e isso não iria fazer delas um sujeito menos feminino.

O desenvolvimento da história das mulheres, articulado às inovações, tem dado lugar á diversas pesquisas de diferentes temas. Os principais marcos da história tradicional como o renascimento, a reforma política, as guerras mundiais foram acontecimentos decisivos na história das mulheres e das relações de gênero.

Segundo Soihet (2011, p. 266):

Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamental social das distinções baseadas no sexo.

Com o decorrer da pesquisa vimos que gênero é visto como uma rejeição a palavras como sexo, diferença sexual ou seja, subjetivos que indicam a identificação do termo masculino e feminino. Tudo é uma questão de construção social. Hoje em dia esse termo é o mais usado quando vamos abordar temas sexuais. O interesse por estas categorias mostra não apenas o interesse do historiador com uma história que aborde a fala dos oprimidos, mas também a maneira como esta história incluiria e apresentaria a experiência das mulheres dependendo assim da forma como o estudo do gênero poderia ser desenvolvido como uma categoria de análise.

Falando agora das representações antropológicas, podemos dizer que são numerosas e antigas, haja vista que no livro da bíblia já se falava na figura feminina quando em Gênesis citava a forte e eterna sedutora Eva. Representada como uma mulher de origem mal, que não aguentou a tentação e arrastou Adão junto com ela. Segundo Perrot (1988, p. 168):

Embora juridicamente as mulheres ocupem uma posição em muito inferior aos homens, elas constituem uma posição em muito inferior aos homens, elas constituem na prática o sexo superior. Elas são o poder que se oculta por detrás do trono.

Essas foram as palavras de um viajante inglês em 1830 foi a forma como ele viu a representação da mulher na sociedade do século XIX. Naquela época, as mulheres além de serem vistas como força do mal, tinham os homens como marionetes cujo qual elas manipulavam, elas eram consideradas problemas pois estavam se tornando trabalhadoras e conseguiam desenvolver habilidades que diferenciava das dos homens, pois além dos trabalhos domésticos elas já desenvolviam atividades fora de casa, nas lavouras, como costureiras, permitindo uma apreensão complexa e ao mesmo tempo crítica das interpretações históricas dominantes.

A sociedade brasileira durante o século XIX sofreu uma série de transformações nessa época que foram elas: a consolidação do capitalismo, o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social, pois no início do século XIX praticamente não existia vida urbana, o Brasil era um país rural.

Segundo D’Incão (2015), a chamada família patriarcal brasileira, comandada pelo pai detentor de poder sobre seus dependentes, agregados e escravos, habitava a casa grande e dominava a senzala. Assim era a sociedade brasileira, o pai era dono da casa e senhor de tudo, tinha dominação absoluta, e naquela época a vida burguesa reorganizava as vivências domésticas tornando o ambiente familiar sólido, aconchegante e a esposa era dedicada ao lar e ao marido, o que tornava os filhos educados.

Uma outra questão era as mulheres que não seguiam o padrão ideal de beleza, pureza e feminilidade. Essas eram vistas como diferentes, rebeldes, bizarras e dessa forma marginalizadas

aos olhos do machismo, sofrendo discriminações e preconceitos. Dessa maneira, se enquadra o feminismo, como diferenciações sociais, direitos sexuais, violência de gênero onde as mulheres foram a frente, enfrentaram e com garra e coragem levantaram bandeiras desconstruindo em cima de um ideal formado pela sociedade. Tudo o que é construído pode ser desconstruído com o tempo.

Mesmo com o preconceito contra as mulheres “nas profissões intelectualizadas” durante os anos 60, as faculdades, as escolas de graduação, e as fundações começaram a estimular as mulheres a obterem PhDs, oferecendo bolsas de estudo e apoio financeiro haja vista que as mulheres constituem uma força grande para as faculdades e universidades. Parecia que a situação estava mudando, os obstáculos estavam caindo, a sociedade estava mudando seu pensamento e cedendo ao que seria um marco de lutas e mobilizações a favor dos interesses femininos.

Segundo menciona a autora Scott (2011, p. 71):

No espaço aberto pelo recrutamento de mulheres, o feminismo logo apareceu para reivindicar mais recursos para as mulheres e para denunciar a persistência da desigualdade.

As feministas afirmavam que ainda que as mulheres tivessem diplomas acadêmicos ou profissionais os preconceitos não tinham cessado. Nas associações das disciplinas acadêmicas elas se juntavam e pressionavam para ter direito a maior representação nas associações e reuniões intelectuais, às diferenciações salariais entre os homens e as mulheres, o fim da discriminação sexual, onde era sugerido diferenciação entre as historiadores e as historiadoras. O que acontecia também em demasiado nas mais diferentes profissões onde o masculino predominava sobre o feminino.

Dentro da perspectiva, acima referida, Scott (2011) afirma que outra maneira de ver o problema é tratar o desafio das mulheres como uma questão de redefinição profissional, pois a presença de mulheres organizadas contestava de que o fazer da história fosse um corpo unitário.

Segundo Perrot (1988), a pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso da opressão, de subverter o ponto de visão da dominação, procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes.

Grande parte era consequência de uma concessão do poder constituído. O poder ao homem era visto de maneira natural, a sociedade atribuía ao homem certo termo de soberania, fatores que sustentavam a tradição das concepções de sujeito, unidade e de lei. O termo poder é

um termo polissêmico, que tem conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina.

## 5 GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Estamos tão obcecados com a cisão masculino e feminino que temos a ideia de que homens e mulheres formam praticamente povos distintos. Com o movimento feminista a sociedade vem sofrendo mudanças, de modo que viemos a compreender que as relações de gênero e sexualidade numa perspectiva sociocultural e política a partir da diferença biológica dos sexos. Na visão de Butler (1990), o gênero não é uma performance que um sujeito anterior elege para realizar, mas o gênero é performativo, no sentido em que constitui como efeito o sujeito que pretende expressar. O gênero cria o sexo, e não o contrário, não há identidade de gênero atrás de expressões de gênero, esta identidade é o que dá ao sujeito as suas próprias expressões que são resultados dos seus atos.

A representação da palavra sexo se dá através da caracterização fisiológica do ser humano, são classificados através dos aspectos biológicos da mulher, a vagina, o útero, os seios e o do homem pelo pênis e testículos. É dessa forma que a nossa cultura diferencia os corpos como determinantes das posições sexuais entre o homem e a mulher. No final dos anos 80 as feministas passaram a utilizar o termo gênero como vertente da diferenciação entre o feminino e o masculino, e não mais o termo “sexo”. O preconceito e a discriminação, a partir da construção dos estereótipos de gênero, analisam separadamente o homem da mulher, porém no mundo em que vivemos não podemos separar a história das mulheres da dos homens, é isso que retrata o romance “Senhora”, podemos observar que enquanto os romances discorriam sobre histórias de outras uniões “por amor”, o que antes ditava uma relação matrimonial, no século XIX era tudo sobre as vantagens em que isso traria, e não sobre o afeto recíproco entre os conjugues. Nesse contexto o papel da mulher nada mais era do que uma educadora, submissa, mãe dedicada e atenciosa ao marido.

A construção do gênero, e da sexualidade, ocorre de acordo com as suas aprendizagens e práticas, que sofrem influências sociais e culturais. É uma série de artefatos sobrepostos aos dados biológicos do sexo. Para Nicholson (2000), essa formulação ainda é predominante no discurso feminista como aquilo que fica fora da cultura e da história, sempre a enquadrar a diferença masculino e feminino. Diante disso, a sociedade continua a gerir um modelo patriarcal com estruturas baseadas na conotação de sexos, mantendo o poder absoluto do homem sobre a mulher, do pai sobre a filha, do marido sobre a esposa, de dominador e dominado. Ainda

segundo Nicholson (2000), ao final da década de 1960, as feministas, mantinha um discurso baseado na noção de uma cisão biológica “natural” entre o feminino e o masculino. O conceito de gênero teria sido introduzido para suplementar o de sexo, e não para substituí-lo. Ou seja, percebemos que na sociedade contemporânea já não se utiliza com frequência o termo “sexo” fala-se mais o termo gênero, essa transformação faz parte de uma cultura na qual estamos inseridos em que surgem mudanças práticas e conceituais em nossa história e na nossa cultura.

De acordo com Rubin (1975), o conceito de sistema sexo/gênero, diz respeito ao conjunto de acordos sobre o qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana. Desse modo, o sexo fica como algo explicativo, com base nos significados culturais que a sociedade cujo qual estamos inseridos nos impulsiona, não resta dúvidas que o pensamento de Rubin (1975) é um pensamento feminista que combate o determinismo biológico.

De acordo com Pinsky (2009), os estudiosos que passaram a empregar o conceito de gênero inspiraram-se na gramática, mas deram-lhe outro significado, utilizando-o para marcar uma distinção entre cultura e biologia. As identidades de gênero e sexualidade é uma construção cultural, uma forma de enfatizar relações sociais moldadas pelo poder de uma sociedade que é baseada em diferenças sexuais. Pinsky (2009) cita ideias de como deixar clara as distinções entre homens e mulheres na forma de diálogo:

a) Uma mulher com uma barriga proeminente caminha pela rua e algumas pessoas que a observam comentam: “Ela deve estar grávida”. Entretanto, essa ideia não passaria pela cabeça se se tratasse de um homem gordo.

b) Um bebê chora em um berçário de uma grande maternidade. Alguns visitantes, do lado de fora do vidro que separa o bebê da plateia de curiosos, notando sua roupinha cor-de-rosa, pensam: “A menininha está assustada, com medo, coitadinha!”. No dia seguinte, o mesmo bebê chorão, agora vestido de macacãozinho azul, suscita o seguinte comentário: “O garotinho está zangado”.

Podemos observar, em ambas as situações acima informadas, um caso de dissimetria entre os gêneros masculino e feminino, na medida em que se faz uma comparação entre um fundamento machista a partir da cultura de que o homem é mais forte que a mulher, relacionados ao choro, a cor da roupa, o rosa para as meninas e o azul para os meninos- que as mulheres são mais medrosas e frágeis que os homens, uma concepção completamente social e cultural.

Na década de 1980, Scott (1995) diagnosticou que a categoria de gênero seria utilizada como estratégia acadêmica para garantir legitimidade aos “estudos das mulheres”. Observamos que a questão do gênero, na situação citada acima, é retratada como um problema de comportamento. Trabalham com uma oposição naturalizada de feminino/masculino, deixando

claro que é inegável que há grandes diferenças nos comportamentos de meninas e meninos. Ao abordar qualquer tema de gênero é necessário que observemos uma relação, um lado só pode ser compreendido se comparado com outro, se o feminino existe diretamente relacionado ao masculino, qualquer redefinição um deve levar em conta o outro.

Os estudos de gênero são, em grande medida, herdeiros da história das mulheres e sua preocupação em dar visibilidade a história das mulheres (PINSKY, 2009). Os historiadores passaram a se aprofundar nos estudos em relação ao gênero enfatizando a compreensão da sociedade quanto as experiências masculinas, a condição de paternidade e sexualidade do masculino frente ao feminino diferenciadas em classes sociais.

Na segunda metade do século XIX, no Brasil, o modelo dominante de mulher como a boa mãe e esposa devotada, exclusivamente dedicada a família, serviu para reforçar as diferenças sociais. (PINSKY, 2009). Essa era a esfera da família nuclear burguesa, o modelo de esposa, de família ideal. As mulheres que eram escravas e pobres eram consideradas “menos mulheres” que as senhoras burguesas, essas como classe “menos favorecida” não tinham os mesmos direitos à educação que as mulheres nascidas em classe rica.

Não apenas no campo da literatura, mas também no da História como disciplina instituída no século XIX, a história das mulheres, escrita pelos homens sempre foi apresentada à margem da história masculina, considerada universal. (COLLING, 2014). A partir disso, observamos que os estudos conferiam as mulheres o lugar secundário, ela saía de sujeito para objeto, o dominador x o dominado, isso nos causa uma reflexão acerca de um pensamento simbólico que faz uma diferenciação entre os sexos, de um lado a mulher como a mãe e esposa dedicada ao lar, submissa e do outro lado, a figura masculina como dominador, determinado a seguir sua natureza soberana. Pensar em gênero implica fazer uma relação social com papéis assumidos entre homens e mulheres e vemos o quanto ainda predomina as ideias de uma sociedade patriarcal com discriminações múltiplas.

De acordo com os Parâmetros Nacionais Curriculares (GANDELMAN, 2009, p. 210),

a questão de gênero aparece nos PCNs dentro de um dos eixos transversais. “Relação de gênero” foram incluídas como parte dos “conteúdos e orientação sexual para terceiro e quarto ciclos”, juntamente com os itens “corpo: matriz da sexualidade” e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis”.

É importante encontrarmos dentro de um instrumento de trabalho dos professores como os PCNs bases que propõe uma organização de um projeto educacional nacional com discussões relativas à questão do gênero. Por esse motivo, acreditamos que se faz necessário um estudo e uma reflexão sobre como podemos e devemos trabalhar esse tema em sala de aula e isso revela a

ampla aceitação que a categoria do movimento de gênero vem obtendo entre os professores no meio acadêmico. A inclusão do gênero na proposta deixa clara a sua importância para tornar mais relevante uma discussão sobre o tema, haja visto que são pontos fundamentais para a formação dos cidadãos.

A categoria de gênero aparece esvaziada de seus aspectos políticos e históricos, dizendo respeito, ao contrário, unicamente ao âmbito da família e das relações interpessoais. A categoria criada pelos PCNs não inclui noções de conflitos. (GANDELMAN, 2009).

Partindo dessa consideração de Gandelman (2009), destacamos que o estudo da história do século XIX não é mais a respeito do que aconteceu entre homens e mulheres, na questão do “sexo”, mas sim a respeito do sujeito como categorias de identidade e como ocorreu sua construção através de comportamento, instrução familiar, classe social ao qual o indivíduo estava inserido, e claro o domínio através da política do governo e do estado. Podemos destacar também que a história enriquece por vezes o seu campo de análise com uma grande dimensão cultural na qual a narrativa literária era a ilustração da sua época. É o que podemos ver claramente em “Senhora”, no qual José de Alencar retrata a sociedade carioca do século XIX, apresentando as vestes, a corte, a cidade, as casas e as famílias. Como cita Pensaveto (2006), a literatura cumpria, face à história, um papel de descontração, de leveza, de evasão, “quase” na trilha quando observamos que de ser um sorriso da sociedade. O que não acontece na contemporaneidade, tais posturas acabam por se tornar ultrapassadas pelas novas questões que se colocam de acordo com os novos limites do novo século XIX.

Chatier (1991, p. 178) enfatiza que:

É preciso considerar também que a leitura é sempre uma prática encarnada de gestos, espaços, hábitos. Longe de uma fenomenologia da leitura que apague todas as modalidades concretas do ato de ler e o caracterize por seus efeitos, postulados como universais, uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura.

Cada pessoa que tem acesso a uma determinada fonte de leitura, sejam livros, jornais, ou até mesmo a leitura não verbal de propagandas e novelas, não os interpreta de maneira semelhante, mas depende do modo que a leitura é entendida. Nesta perspectiva, existe uma sobreposição de interpretações sobre as formas pelas quais os textos podem ser lidos, e lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito.

A grande luta pela igualdade de direitos é inerente ao senso de justiça, mas observamos que, com o passar dos tempos, o homem evoluiu e podemos dizer que houve um processo de

autodesconstrução que se tornou paralela ao desenvolvimento da sociedade e é aí que surgem os direitos humanos e as proteções das mulheres começam a se consolidar. São a busca dos direitos igualitários, em que as minorias passam a ser reconhecidas como grupo de direitos e as leis são modificadas.

Pesavento (2006) mostra que a literatura é mais do que um simples passatempo, é um recurso de estudo que reflete uma representação social da realidade, nos fazendo assumir uma postura epistemológica que revitaliza verdade/ficção ou real/não-real, ciência ou arte. Sendo assim, a literatura e história são narrativas com representações que se referem à vida. A literatura é, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas abordadas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no objetivo geral desse trabalho, que foi o de analisar os lugares sociais da mulher na educação feminina no século XIX dentro do contexto histórico e cultural da obra “Senhora”, de Jose de Alencar, como forma de desenvolver um diálogo entre a literatura e a história da educação, fica claro que os lugares sociais continuam sendo desrespeitados por causa das fortes influências de nossos antepassados, os quais estão presentes em todos os espaços sociais nos quais estejamos inseridos.

Percebemos ainda que o autor José de Alencar não é nada mais que um homem que tinha um comportamento transgressor, por sua própria natureza, esse autor também uma cabeça à frente de seu tempo, pois criou uma personagem feminina que contestou toda uma sociedade de forma crítica e irônica, onde a mulher não tinha direitos, só deveres, e a personagem mesmo sendo bastante jovem, além do que a representação do homem, se volta para a força, o poder. Já a representação da mulher se volta para a fragilidade e é entendida também, como uma pessoa que teve toda uma educação refinada, ao entender também que era muito mais do que um corpo bonito, um rosto bonito e uma mulher rica.

Convém lembrar que, em uma sociedade na qual a mulher é controlada pelo homem, pelas figuras de poder do sexo masculino, se faz necessária uma problemática sobre gênero, cultura e educação que vai além de marcadores biológicos, paradigmas impostos pela sociedade que tem o intuito de naturalizar a mulher como objeto de uma sociedade arcaica que dita regras e se faz presente na cultura de gênero onde a mulher é tida como o sexo frágil.

O presente artigo veio contribuir e deixar registrado que é de extrema importância focar um diálogo entre literatura e história da educação, focalizando os lugares sociais da mulher e da educação feminina no conto literário “Senhora”.

Dito de outro modo, José de Alencar aborda a sociedade carioca do século XIX, a corte, as vestes, as regras para as mulheres, fazendo também uma comparação com a nossa sociedade atual do século XXI. Assim como o gênero e sexualidade, vimos através da leitura do romance que a política também era organizada com base de sistema de poder que ditava e punia de forma opressiva as relações no qual as mulheres deveriam se submeter, sendo elas matrimonial, social e trabalhista. As relações dicotômicas estão interligadas para aqueles que infringem as normas estabelecidas pela sociedade, não só naquela época mas hoje em dia também, pois o que mais vemos no noticiário são notícias de violência contra as mulheres, preconceito pelas suas vestes, ou formas de atitudes que a sociedade acha por bem julgar vulgares.

Através desse artigo vemos também o quanto é importante para a academia tratar das questões relacionadas ao movimento feminista, sabendo que este ajuda a ter um olhar mais aguçado para o nosso contexto cultural e histórico. Assim como, contribui para que o leitor possa lutar pelas diversas formas de opressão contra as mulheres; quer dizer, rompendo com rótulos e paradigmas impostos pela própria sociedade machista e sexista que vivemos.

Destacamos a importância desse trabalho no sentido de provocar uma reflexão crítica acerca do que a mulher representava e ainda representa na sociedade do século XIX, o quanto ela foi reprimida, moldada pelo pai, pelo marido e até mesmo pela sociedade. O quanto nós na condição de sexo feminino sofremos, sexualmente falando e profissionalmente também. São anos lutando pelo o que nos é de direito, estudamos, ingressamos nas universidades, nos cargos altos, na política e merecemos reconhecimento por que lutamos todos os dias para estar onde devemos estar. Lutamos pelo o que é nosso por direito.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. **Cultura letrada literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ALENCAR, J. **Senhora** Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000139.pdf> Acesso: 5 de Dez. 2017

CHARTIER, R. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

D'INCÃO, M. A. Mulher e Família Burguesa. In: DEL PRIORE, M. (Org). **História das mulheres no Brasil**, 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2011.

DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**, 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PERROT, M. As mulheres, o poder e a história. In: **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINSKY, C. B. **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009.

SCOTT, J. Historia das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: EDUNESP, 2011.

SOIHER, R. Historia das Mulheres. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Domínio da História**. 2<sup>a</sup>. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.